

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)
 PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

omp. na Tip. de «A COMUNA»—Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

Redacção e Adm., (Provisória):
 RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
 APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

À MERCÊ DE DEUS...

Continua o descalabro. A marcha progressiva da carestia da vida, assume de dia, para dia, aspectos dramáticos que se traduzem nos mil flagelos que irriçam de pavores a existência dolorosa dos párias. É um poderoso factor de diluição nacional, atingindo a raça no que ela tem de essencialmente, de caracteristicamente estrutural como tipo étnico. Bem o apregoa o dizer latino: *Mens sana in corpore sano*. O deparamento físico, o estioilar lento e contínuo duma geração de vítimas que a catastrofe social atingiu em todos os aspectos da vida, determina a crise moral em que, no fim de contas, se debatem tôdas as classes. Em tal ambiente de horrores de multipla espécie, como é possível erguer ao alto os corações, iluminar o espírito pelas claridades brandas da bondade e da affectividade, se tudo em torno de nós incita ao ódio e cava fundo, as incompatibilidades irreductíveis que sempre dividiram, a partir dos primeiros vincos de socialidade política, as castas inimigas dos que tem e dos que nada possuem? Bem pregam os apóstolos do *statu quo* social, a necessidade duma harmonia de esforços, conjugando as vontades das duas classes em luta.

Os factos desmentem com eloquência esmagadora esses hinos de paz e concórdia com que os detentores da riqueza social pretendem adormecer a impaciência dos expoliados. Os príncipes da finança, os reis do negócio, os barões da trafficante desvergonhada e audaciosa, sugam, hora a hora, minuto a minuto, essa doce poesia do *bom acôrdo*, com os seus atentados criminosos contra a vida humana.

O açambarcamento, a especulação, o monopólio, factores eficientes da sua proeminência económica, e, consequentemente política, determinam essa febre de revolta que, dentro em pouco, as guardas pretorianas não poderão já conter e dominar. Só não vê quem é cego ou... não quer ver. Succedem-se, no rotativismo governamental, todos os *salvadores do património nacional*, desfilam pelas cadeiras do poder, os vários portadores de sciência política e económica, cujas receitas não falham já mais nos programas escritos ou declamados.

E a cada tentativa de presidencialismo succede um desastrado agravamento da situação.

Tudo palavras. Só palavras, como conclue o sombrio solilóquio de Hamlet.

A talhe de foice vom um exemplo de significativo relêvo. A propósito das colheitas cerealíferas, publicam as gazetas burguesas um extracto do boletim do *Instituto Interuacional de Agricultura de Roma*, relativamente à produção em todos os continentes. Não se fala de Portugal: *de que coisas imaginam os camaradas, que a tal respeito nos dizem as tais gazetas que, abespinhadas com a omissão, acorrem pressurosas a esclarecer?* Ora leiam:

«A respeito de Portugal, de todos os pontos do país dizem ser o melhor o aspecto dos cereais de pragana, já em completa maturação e, portanto, livres de qualquer incidente, que os prejudique. Embora a superficie semeada seja menor que a dos anos anteriores, a colheita, segundo a afirmativa das individualidades mais competentes em assuntos agrícolas, é muito superior á de 1919, calculando-se dispormos de trigo para 3 meses.»

Isto vem no *Janeiro* de terça-feira passada.

Quer dizer, o mal agrava-se, neste caso. Se o publicista se regosija com o facto de que a colheita é superior á do ano passado, esquece-se de comentar o facto insólito, criminoso, anti-social, de, em face da situação presente, se ter semeado este ano uma superficie menor que a dos anos anteriores. Está-se no periodo supersticioso do milagre. Se a Natureza se mostrou complacente, vamos lá entoar *hossanas* ao Padre Eterno que se dignou favorecer este cantosinho abençoado. Não se confiou á tecnica dos agricultores e ás possibilidades creadoras do torrão, a *certeza* duma produção suficiente.

Os acasos do tempo permitiram o *prodigio* de termos pão para oito meses! Glória a Deus, Glória a Pan, Glória a Jupiter!

Foi uma cartada que se jogou, nestas contingências dolorosas em que se faz hoje a vida portuguesa. Se uma variação atmosférica profunda, se uma calamidade natural se produzisse, nem ao menos tínhamos a compensação que nos poderia dar uma maior extensão de cultura, como defesa contra as eventualidades que surgirem em tal ou tais regiões. Vivemos assim no regimen providencial da produção agrícola. O esforço sabiamente orientado, a cultura intensiva, o aproveitamento das zonas de produção, são letra morta, perante o rígido direito de propriedade e de exploração gananciosa. Os louvores entoados á garantia do pão para oito meses, são de molde a fazer meditar nesta insónia que parece avassalar tôda a gente de Portugal, cada no fatalismo daquêlo devoto de que reza uma fábula uotiva ao Senhor de Matozinhos, que tendo caído dum andaime partiu uma perna... podendo partir as duas.

Ficem-se na Providência...

Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 10 de «A COMUNA»)

XIX

Maximalistas — Com o fim de garantir aos trabalhadores a liberdade de associação, o Estado presta aos operários e aos camponeses pobres todo o seu auxílio material ou de qualquer espécie, para facilitar a união e a organização.

Anarquistas — Não há necessidade de existir um poder que exerça funções protectoras da organização operária. O operário livre, para organizar e combinar o seu esforço com o dos seus companheiros, fa-lo directa e livremente. Não há nisto complicação alguma. Não a há hoje mesmo, apesar de existirem governos que dificultam sistematicamente a organização do proletariado e castigam com a prisão tôda a tentativa de acção unida. Se hoje, em tais condições de opressão, se podem defender directamente os operários, num meio onde não exista autoridade, ser-lhes-há mais fácil e natural tôda a acção organizadora; bastará querê-la para, de facto a realizar.

XX

Maximalistas — Para garantir aos trabalhadores a possibilidade de se instruírem, o Estado Socialista concede a instrução gratuita aos operários e camponeses pobres.

Anarquistas — Já não há pobres nem ricos. A transformação social fez-se, abolindo a autoridade que os homens exerciam uns sobre os outros; autoridade que, sendo força, garante a exploração da maioria pela minoria. A instrução é um direito para todos e é sempre muito grata a tarefa de ensinar a outros o que cada um sabe.

Quem tem um pensamento ou adquire um conhecimento novo, procura alguém a quem possa comunicá-lo, tem necessidade de o fazer conhecido. Ninguém porá em dúvida esta necessidade, tão humana e sobejamente conhecida.

A instrução é quase tão necessária como o alimento. As instituições do ensino e da cultura surgem sob o império da necessidade; já existem desde há muito e existirão enquanto houver homens. Se os homens livremente se associam em grupos para as funções da produção e do consumo, agrupar-se não também e talvez melhor ainda, para obterem o progresso da cultura e a extensão dos conhecimentos.

Não é em vão que se afirma ser a instrução a melhor garantia de liberdade, o factor principal da obra social que queremos realizar, de apoio mutuo, entre todos os homens!...

XXI

Maximalistas — Decreta-se o trabalho obrigatório para todos os cidadãos da República e proclama-se o principio: «Quem não trabalha não come».

Anarquistas — Se alguns homens, mesmo que o queiram, não podem como anteriormente explorar as energias dos outros, como o dinheiro não existe, e as fábricas, os campos e as minas, já não são domínio privado, mas sim pertença da comunidade social, a obrigação do trabalho nasce das necessidades de cada um, corresponde ao desejo de criar os meios de subsistência e comodidade para uma vida cada vez melhor e sendo também o mais útil e agradável dos exercícios físicos.

Num meio libertário, é como poderia explicar-se que uns — a minoria ou a maioria — decretassem uma obrigação para todos, um principio juridico?

Não há direito a estabelecer obrigações para ninguém, forçar os outros para que façam o que nós fazemos; nem mesmo no caso de considerarmos que aquilo que impomos é o melhor para todos.

Organizando a sociedade num sentido humano sob o ponto de vista da justiça e do direito, cada qual terá que olhar, com o seu esforço pessoal, pela própria conservação, visto que já não poderão obter-se, como dantes, os meios de vida provenientes do esforço alheio.

XXII

Maximalistas — Com o fim de garantir as conquistas da grande revolução operária e camponesa, decreta-se que todos os cidadãos da República são obrigados a defender a pátria socialista e institue-se o serviço militar obrigatório.

Anarquistas — Com o fim de garantir as conquistas da revolução, de liberdade e de bem estar para todos, organiza-se o meio económico de modo tal, que a acção da criminalidade não possa desenvolver-se nem prosperar, ao abrigo da força colectiva e em prejuizo do individuo.

Para a defeza da revolução, é suficiente o levantamento em massa dos seus defensores, a colaboração directa de todos os homens; mas não é de nenhum modo razoável, sendo muito perigoso, criar com antecedência a necessidade dum corpo especifico de força, preparado e disciplinado com prévio cálculo duma eventualidade problemática.

(Continúa).

JOSÉ T. LORENZO.

EM DEFESA DO ANARQUISMO

II

A falta de paralelismo entre as duas formas do progresso humano, atribuimo-la ao privilégio económico e ao predomínio politico. E, com efeito, a permanência duma organização social dividida em classes, determina que os imensos beneficios da mecânica sejam nulos para a maioria dos homens, reduzindo-a a condições tam mesquinhas que, na luta pela vida, o operário se transformou na mais desprezível das mercadorias, não só por ser mais barata mas, sobretudo, pela sua fácil substituição. E se a máquina não atirou, imediatamente, milhares e milhares de criaturas para o campo da miséria, — ou por outra — se os detentores das máquinas não atiraram logo os operários para a rua, começaram por dispensá-los pouco a pouco, o que veio aumentar consideravelmente as já grossas filas do exercito da fome.

O capitalista acha fácil rendimento dos seus dinheiros na potência multiplicadora da máquina, ao passo que o trabalhador é cada vez menos indispensável. O seu trabalho é continuamente depreciado, e, não raras vezes, substituído pelo da mulher e pelo das crianças. Assim, ainda que a máquina multiplique, ou pelo menos, possa multiplicar prodigiosamente a produção, essa abundância torna-se inútil para o operário, porque, dada a depreciação dos salários e a continua paralização dos braços, cada vez se lhes torna mais difficil obter os productos. E é assim que se explica o horroroso espectáculo de vermos grassar a fome ao lado dos armazéns abarrotados de mercadorias que apodrecem por falta de compradores.

Mas o operário não sofre só estes prejuizos ocasionados pelo progresso mecânico — ele é igualmente vítima das suas derivações. Para ele, os nossos progressos scientificos não passam de contos maravilhosos; e a educação moral e artistica, com tôdas as suas modalidades, pouco mais é que nada. E como a classe média também pouco se preocupa com as modernas conquistas scientificas, sobretudo se elas lhe não são immediatamente úteis, resulta que o grandioso avanço da sciência, no seu mais amplo significado, só interessa a uns tantos *diletanti*, mas cuja influencia na vida social é muito pequena.

? Ora esta enorme diferença nos interesses, ou nos beneficios, prevaleceria, se, o estado de castas, não fosse mantido por um estado de força? O predomínio politico é como o que o complemento do privilégio económico, e vice-versa. O predomínio politico tem a seu cargo a conservação do existente, bem como a transmissão dos hábitos de obediência. E como as espingardas e as baionetas não lhe chegam, ainda dispõe da escola e da igreja, do teatro e da taberna, da imprensa e do livro. Desta maneira, tudo conspira para o mesmo fim.

Normalmente o labôr é simples, tranquilo. Reduz-se a embotar continuamente as mais belas faculdades intellectuais dos individuos, ou a adaptá-las ás conveniências da sociedade. E se, por acaso, a normalidade se perturba, então a polvora entra em acção, abrem-se as cadeias e ergue-se o patibulo para executar o sedicioso que saiu, ou pensou sair para a rua em defesa do seu sonho, da sua querida utopia, utopia atraz da qual tem caminhado e continua a caminhar a humanidade, sem se importar com a enganosa evidencia do ensino oficial.

Assim, devido a esta compenetração do privilégio económico e do predomínio politico, observa-se no mundo social o seguinte — dum lado uma pequena minoria está de posse de todos os direitos e de todos os elementos, constituindo por si e para si o organismo propriamente dito, que se chama sociedade burguesa; e do outro, há uma enorme massa de escravos que carecem de tudo: direitos politicos, personalidade social, elementos de trabalho, riqueza, instrução, arte e sciência.

De facto — o «nosso mundo» é a continuação fiel daquêlo mundo antigo tam ferozmente combatido pelos ascendentes, pelos que geraram a nossa actual burguesia.

Na vida material tudo tem mudado prodigiosamente. Só na vida social, mercê do facto citado, vivemos ainda para alimentar, recrear e conservar uma casta de individuos que tem nos seus bolsos uma única coisa: o dinheiro.

RICARDO MELLA.

Manuel Ribeiro | Congresso Anarquista Italiano

Foi com o maior prazer, que recebemos há dias, a visita do nosso amigo e brilhante escritor Manuel Ribeiro, director do vigoroso semanário *A Bandeira Vermelha*, órgão da Federação Maximalista Portuguesa.

Manuel Ribeiro, que veio ao Porto tratar de assuntos partidários, aproveitou o ensejo de estreitar relações com vários camaradas desta cidade, no sentido de obter uma maior coesão e harmonia no ataque cerrado á sociedade capitalista.

Agradecendo a Manuel Ribeiro, a sua amavel visita, asseguramos-lhe a nossa fé ardente, numa breve transformação social, a cuja realização continuaremos — sem abdicção dos nossos principios comunistas-libertários — a dedicar os nossos esforços e energias.

Certamente, em virtude dos acontecimentos referidos no nosso número de hoje, não recebemos os jornais italianos que se occupam do Congresso, cujas teses queriamos notular para illiciação dos camaradas, conforme prometeramos na passada semana. Contamos, porém, cumprir a nossa promessa, no próximo número.

Nos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinho, 124 c County Street — New Bedford Mass.

A LUZ VEM DE ITÁLIA...

A REVOLUÇÃO DE ANCONA

A revolução de Ancona, bem ao contrário do que pretendem fazer crer os jornais burgueses da Europa e as agências de informação a sôdo do capitalismo, não foi um simples pronunciamento militar, circunscrito aos episódios da caserna Villarey, onde se revoltaram os *bersaglieri*, nem a rendição dos soldados amotinados pôs fim aos acontecimentos cuja importância é manifesta, como vamos ver.

Naturalmente as falsidades dos jornais policíescos sobre o pretenso *complot* não merecem nem uma palavra de discussão. Infelizmente, culpados são os revolucionários italianos de não terem feito o *complot*, pois a tê-lo feito, a organizar-se uma preparação metódica, um acôrdo prévio, as coisas não acabariam tão facilmente com a intervenção das forças burguesas.

Mas deixemos esses comentários à livre crítica de cada um e aceitemos a lição dos factos que nos ensinam que, para fazer a revolução não bastam comícios nem *grèves* gerais. É preciso o acôrdo entre todos os revolucionários, se for possível; se não poder ser assim, entendamo-nos todos nós, anarquistas, e ponhamos em acção tôdas as energias capazes de levar a cabo a tarefa redentora.

A origem do movimento de Ancona foi a ordem de partida das tropas para a Albânia e a insubordinação dos *bersaglieri*. O proletariado de Ancona, sem hesitar, compreendeu imediatamente que o seu posto era ao lado dos primeiros soldados que haviam dado o grito de revolta.

Da caserna passou a insurreição à praça pública o que fez, também, compreender aos soldados, que quando quizerem agir nunca se encontrarão sós. Mas uma vez desencadeado o movimento popular não podia terminar e continuou, mesmo depois de dominada, em poucas horas, a revolta militar.

Trata-se, pois, de uma verdadeira insurreição que, integrada em um movimento geral teria sido magnífica de utilidade; todavia, mesmo assim isolada, ficará como um exêmplo brilhante, nobre modelo de heroísmo e de sacrifício, ótima propaganda pelo facto, daquilo que se pôde fazer quando o proletariado muito bem quiser fazê-lo.

Insurreição propriamente dita, soube e quis fazê-la Ancona. Nas regiões vizinhas não se foi além da *grève* geral e de um ou outro episódio isolado de revolta.

OS OPERÁRIOS ARMAM-SE

Na manhã de 26 de Junho, mal se soube da revolta dos *bersaglieri*, Ancona operária vibra de comoção: Anarquistas, republicanos e socialistas dirigem-se para a caserna Villarey afim de saudar e encorajar os revoltosos. Os *bersaglieri* fornecem-lhes armas e munições, o mais que podem; assim, a revolta, tornava-se também civil.

Chegam as primeiras forças reais, carabineiros e guardas. Os soldados rebeldes, despedem os companheiros civis, preparando-se para resistirem sós. Os operários dispersam já armados pela cidade, enquanto começa a batalha entre soldados amotinados e guardas e carabineiros.

Ao crepitar da fuzilaria em tôrno da caserna, responde o rugido da borrasca popular.

A *grève* geral efectua-se antes de ser declarada e os *grévistas*, armados até aos dentes correm pela cidade, desarmando e fazendo retirar os oficiais, substituindo a ordem revolucionária à ordem burguesa.

As lojas de armas da Dieta Padovani e Morfurgo são tomadas de assalto e esvaziadas.

Um *meeting* a que assistem mais de seis mil pessoas, ilucida e reforça a livre iniciativa popular.

DOIS FORTES RENDEM-SE AOS REVOLTOSOS

Um numeroso grupo de insurretos dirige-se para o forte del Savio, que domina a «gare» junto a Posatore e força-o à rendição, intimando-lhe o acesso ao depósito de armamento; outros destacamentos aquartelados nas imediações são também desarmados.

No forte, os revoltosos encontram espingardas, algumas metralhadoras e abundantes munições.

Ao mesmo tempo outro grupo dava um assalto a outro forte que domina Ancona pela esquerda, o chamado forte Aspico.

Também foi desarmada a guarda, foram tomadas as munições, espingardas e metralhadoras e ficou o edifício em poder dos revoltosos.

UM INCIDENTE FUNESTO

Um dos primeiros objectivos do povo insurreccionado, foi apossar-se da «gare» do caminho de ferro e impedir as comunicações ferroviárias. Não discutimos agora este facto. Narrem-lo, simplesmente. O comboio da uma e meia de sábado, 26, tinha apenas saído de Bologna — o maquinista quisera partir apesar das exortações em contrário — quando encontrou, na estrada provincial, paralela à via férrea, um «camion» com metralhadoras, que, na passagem de Torrente, se impôs ao pessoal da máquina para que parasse ou retrocedesse.

O comboio continuou a marcha. Então foram disparados tiros contra ele, não se sabe bem porquê, nem se partiram do «camion» ou de outros revoltosos da povoação vizinha. Se, o que dizem os jornais é verdadeiro, o grupo de insurgentes fez fogo, julgando pôder assim parar o comboio ou, simplesmente, por motivo de irritação em virtude de não serem atendidos quando exigiam a paragem.

O certo é que o facto se deu em condições deploravelmente trágicas, porque produziu quatro ou cinco mortes entre elas as de alguns operários.

Seria para desajar, certamente, uma maior ponderação; mas é isso possível em certos momentos? Como reprimir certos impulsos, sem os quais, nenhum movimento revolucionário é possível?

Temos de reconhecer que certos factos desagradáveis, deploráveis, contra vontade, são inevitáveis. Nem a imprensa

burguesa tem direito de protestar, ela que sabe muito bem quantos erros dêste género, mil vezes peores, se cometeram na sua «bela» guerra, quando os canhões italianos metralhavam por engano as próprias tropas italianas ou aldeias e casais italianíssimos! Na guerra como na guerra.

AS METRALHADORAS REVOLUCIONÁRIAS

No entanto, no interior da cidade, os revoltosos armados aumentavam de número cada vez mais. É impossível relatar os inumeros conflitos sucedidos nos diversos bairros, oficiais desarmados, combates de fuzilaria entre populares e carabineiros e postos de guarda dispersos a tiro.

Nos recontros de sábado, já depois dos *bersaglieri* se terem rendido, por volta das duas horas, a luta torna-se mais aspera entre o povo e a força pública que agora tem já os movimentos mais livres para atacar aquêle. A *gare* que está nas mãos da policia, torna-se um centro de resistência das tropas reais. Estas atacam um automóvel armado de metralhadoras, dos rebeldes, que passa perto. Uma intensa fuzilaria parte dum posto de agentes contra o *camion* revolucionário.

Os insurrectos que se encontram no veículo em mangas de camisa respondem com fuzilaria e metralha, dirigindo-se para os Arcos. Mas antes de atingirem este ponto, uma bala despedaçou os pneumáticos e o *camion* teve de ser abandonado. Os guardas tomaram-no, mas encontraram no vazio. Os insurgentes tinham levado as metralhadoras com os seus acessórios.

Nova troca de tiros e, tanto da primeira como da segunda escaramuça, mortos e feridos caíram em grande número. Mas o posto de policia da estação não é poupado. Sobre o Torretto, no declive que dá para a via férrea, uma outra metralhadora dos revoltosos, postada por trás de um macisso de verdura, despeja rajadas de chumbo contra a guarda real, entrincheirada na estação.

Outro *camion* com metralhadoras, postado junto dos Arcos, defende a Casa do Proletariado que aí se ergue. Uma segunda metralhadora funciona por traz de trincheiras improvisadas, ao lado.

Chega o inimigo! Carabineiros e guardas reais desemboçam do Arco da Porta Pia, na estrada dos Arcos, chamada Nacional; são recebidos por um nutrido fogo de espingarda e metralha e forçados a retroceder.

O BOMBARDEAMENTO PELO LADO DO MAR

Quase à noite, porque a resistência revolucionária volta a intensificar-se em torno dos Arcos e da estrada Nacional, com uma enraivecida tenacidade, entra em acção a artilharia naval.

Um torpedeiro de alto mar, ancorado no porto, aproxima-se da Refinação do Açúcar e, junto desta, começa a atirar sobre os fortes núcleos de revoltosos a que estes respondem com intenso fogo: o navio atira primeiro granadas de 37, fazendo, a seguir, uso de granadas de maior calibre: ataca à distância, apenas de meio quilómetro.

Num dado momento um tiro apanha em cheio uma das metralhadoras que salta em pedaços. Mas nem assim, os rebeldes, afrouxam na resistência. É impossível, por ora, precisar as perdas, em mortes e feridos duma e doutra parte, em todos estes recontros furiosos e sangrentos.

O troar do canhão, tanto no sábado como no domingo, sentiu-se quasi continuamente por tôdas as praias do Adriatico, até Cattolica e Rimini.

Para neutralizar o bombardeamento, os revolucionários do Forte del Sanio tentam pôr em acção uma bateria de artilharia de grosso calibre com a qual pensam fazer fogo contra o navio de guerra; mas, por desgraça, as munições encontradas nas casamatas são de calibre diverso do dos canhões. Uma ou outra vez, a desordem burguesa aproveita à própria burguesia.

Por isso ainda no dia seguinte o cruzador pôde impunemente continuar o bombardeamento dos bairros amotinados.

TRINCHEIRAS E BARRICADAS. NOVOS COMBATES

A noite de sábado para domingo decorreu mais tranquila. Mas de manhã a luta recrudescer mais vivamente. Pela estrada dos Arcos, em Pian San Lazzaro, no Borgaccio, na Torrete, surgem trincheiras e barricadas.

Às nove e meia chega um longo comboio carregado de guardas reais, dirigido por inaquinistas e fogueiros militares da Armada Real, que partira de Falconara. Mas junto de Borgaccio é recebido com um forte fogo de fuzilaria da parte de um grupo de revoltosos que se dispõem à defesa de Ancona revolucionária. Foram feridos muitos guardas e morto um oficial.

O comboio consegue continuar a marcha mas passados poucos instantes uma explosão faz saltar os rails numa grande extensão e uma ponte adjacente vai pelos ares.

Continuam os combates na cidade, mais oficiais são desarmados e, da marinha, continua o bombardeamento contra os Arcos, contra o Forte del Sanio e contra o Borgaccio.

No dia seguinte por volta das 14 horas, um grupo de revoltosos dá um assalto à caserna dos carabineiros do Pian San Lazzaro, com granadas de mão. Acodem os guardas reais mas são postos em debandada por nutridas descargas de fuzilaria. Diz-se que, à luta, se associam mulheres que fazem fogo das janelas de suas casas.

Ao Torrete desce um punhado de revoltosos que assalta e desarma a guarda aduaneira.

«São dez ou doze homens novos (narra um jornalista) que atacam, a peito descoberto, no meio da estrada, contra as janelas e portas do Quartel, donde os carabineiros respondem violentamente». Mas o jornalista não espera o fim do combate e retira-se para Falconara, vindo a saber, indirectamente que os revoltosos triunfaram.

¿APROXIMA-SE O FIM?

Na tarde de domingo, durante a noite e na manhã seguinte, a guarda real e os carabineiros conseguem dominar a situação, no centro da cidade, procedendo cautelosamente nos subúrbios, protegidos pela artilharia, pelos auto-blindados e pelas granadas de bordo, podendo por fim juntar-se com as forças entrincheiradas na *gare*. Invade a Bolsa do Trabalho, que fica a meio da estrada provincial, entre a cidade e a *gare*, mas encontra-a vazia.

Começam as prisões que são numerosas e a apreensão de armamento e munições. Proceda-se à remoção de mortos e feridos.

A REPERCUSSÃO NO EXTERIOR

Como é de prever, os acontecimentos de Ancona tiveram repercussão, provocando a *grève* geral nas zonas, ao longo da linha Fabriano-Ancona e Ancona-Pesaro e mais além: a *grève* geral surge espontaneamente em Portocivitanova, Falconara, Senigallia, Montemarciano, Chiaravalle, Jesi, Castelferreti, etc. Mas, parece que, fora de Ancona, a *grève* não revestiu o aspecto de verdadeira revolução. A verdade saber-se-há em breve.

Mas muitos actos revolucionários, de vária espécie, foram realizados. Levantamentos de linhas ferreas foram efectuadas no percurso de Ancona-Roma, pontes abatidas, etc.

Maior repercussão se deu em Romagna, em Forlì, Cesena e Rimini. Em Forlì foi queimada a ponte de Montone. Um combate com a força pública teve lugar aí com mortos e feridos de parte a parte. A *grève* geral foi declarada pelos anarquistas, mau grado a opposição das bolsas de trabalho tanto socialistas como republicanas. Por fim fez-se o acôrdo entre tôdas as facções. Três armeiros foram assaltados.

Em Forlimpopoli, os revoltosos foram senhores da praça. Em Cesena, acôrdo completo entre anarquistas, socialistas e republicanos para o movimento. Tocaram os sinos a rebate e a demonstração de forças foi imponente!

Em Rimini, *grève* geral no dia 27. A bolsa do trabalho socialista com Mazzoni, partidário giolittista, à frente, não quere a *grève* e à noite ousa, protegido pela policia, lançar um manifesto aconselhando calma.

Mas os anarquistas tinham já conseguido que os trabalhadores abandonassem o trabalho incitando-os à resistência contra a força pública. Grave colisão e muitas vítimas por parte dos carabineiros, ficando ferido o comissário de Policia. Muitas prisões.

No dia seguinte a *grève* terminou.

Em Cesenatico *grève* geral, perfeito acôrdo de anarquistas e socialistas.

CONCLUSÃO

Mais um ensejo perdido, um pouco por culpa das circunstâncias de que ninguém é responsável, mas também por culpa da eterna indecisão e pela hostilidade dos organismos obreiros nacionais — alguns dos quais, pela indole dos seus componentes, que se defendiam com a justificação da falta de informações.

Por parte dos anarquistas, a culpa involuntária de não terem tido tempo e possibilidade de fazer tudo o que devia ser feito. Voltaremos a falar do assumto, com mais calma.

N. R.—Terminam aqui os informes colhidos na imprensa operária italiana, recebida até à data de 2 do corrente. Aguardamos noticias que mais ilucidem os camaradas sobre acontecimentos de tão larga importância e a que a imprensa burguesa, entre nos deixa de fazer, prudentemente, as referências merecidas.

Um salto... grafico

Quem, divorciado da boa fé, tivesse lido a noticia publicada no nosso último número sobre a *grève* dos alfaiates, não lhe faltaria motivo, para apregoar aos quatro ventos a nossa adesão ao quarto estado.

Assim a certa altura da referida noticia, lê-se este magnifico conceito, que é, nem mais, nem menos, do que a negação pura e simples do que pensamos e sentimos:

Coerentes como o critério anarquista, sabemos que é organisando a produção por intermédio dos sindicatos que no futuro conseguiremos implantar o comunismo anarquista fazendo com que a inevitável transformação social seja desviada para uma nacionalização das indústrias, o que equivale à formação de um Estado proletário.

Ora, onde se lê... fazendo com que a inevitável transformação seja desviada, etc., etc., deve lê-se: fazendo com que a inevitável transformação não seja desviada etc., etc.

Assim é que está bem e bate certo.

Felizmente, os nossos preados leitores souberam corrigir mentalmente a nossa *gafe*, e, à sua boa fé devemos, o não ter recebido até à data quaisquer felicitações pela nossa involuntária adesão.

Revive o Sidónismo!

Às vinte e duas horas de quinta-feira, forças de policia e de guarda republicana cercaram a sede da União dos Sindicatos prendendo Joaquim da Silva, secretário geral; Felisberto Baptista, Serafim dos Anjos e mais uma dezena de camaradas que estavam trabalhando nos gabinetes dos sindicatos.

Ao passar o segundo aniversário de uma arbitrariedade identica feita por o sidónismo, as autoridades democráticas quizeram mostrar aos exploradores do povo que tem energia para oprimir os famintos que pedem mais pão e liberdade.

Registemos mais esta violência sobre a liberdade de pensamento.

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38.
Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

ARTE & ARTISTAS

AOS POMBOS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim
dozenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Rá... angustiosa e fresca a madrugada...

É tarde, quando a rígida notada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam tôdas em brande e em revoadas...

Também dos corações onde abotoam
Os sonhos um por um celeres voam
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... mas aos pombais as pombas
voltam,
E ôles, aos corações, não voltam mais...

RAIMUNDO CORREIA

A CAUSA DO MAL

Um eremita vivia num bosque, sem temer as feras. O eremita e as feras conversavam e entendiam-se. Um dia o eremita deitou-se debaixo duma árvore e para ali vieram também, afim de passar a noite, um corvo, um pombo, um veado e uma serpente. Estes animais puzeram-se a falar acerca da origem do mal no mundo.

Dizia o corvo:

— É mal vem da fome. Quando estamos fartos, balanceando-nos num ramo e grasnando, tudo nos parece belo, acolhedor, delicioso; mas se somos forçados a jejuar durante dois dias, os nossos olhos vêem sem gosto os esplendores da natureza, sentimo-nos agitados, não estamos quietos, não há sombra de repouso. Se então vemos qualquer coisa que se possa comer, lançamo-nos a ela sem a mínima reflexão.

Não nos importamos que nos batam, que nos atirem pedras; cães e lobos podem morder-nos sem que soltemos a presa! A quantos dentre nós não matou a fome! É ela que produz todos os males.

O pombo dizia:

— Pois eu penso que o mal não vem da fome, mas do amor. Se vivéssemos sós não sofreríamos tanto. Mas vivendo nós aos pares, aos casais, amamos tanto a compenheira que não descansamos, que só para ela vai o nosso pensamento. — Terá que comer? Terá suficiente calor? Quando de nós se afasta, sentimo-nos perdidos; pensamos que um falcão a arrebatou, que os homens a caçaram. E vamos procurá-la, e por nossa vez nos perdemos — ou um falcão nos mata, ou caímos numa rede. E se o nosso par não aparece, não comemos, não bebemos, não há descanso possível. É só procurá-la e chorá-la! Quantos de nós morrem assim! Todo o mal vem, não da fome, mas do amor.

A serpente dizia:

— Não, o mal não vem da fome nem do amor, mas da perversidade. Se vivéssemos em paz, sem lutas, tudo correria bem, mas, pelo contrário, se não nos fazemos a vontade, arrebatamo-nos enfurecidos; não pensamos em fazer sentir a alguém a nossa cólera; e então

estorcemo-nos, assobiamos, procuramos morder. Não há piedade para ninguém — morderíamos nosso pai e nossa mãe, e até a nós próprios nos devorariamos, e a nossa ira acabaria por perder-nos. Asseguro-vos que o mal vem da perversidade.

O veado dizia:

— Tal não penseis. Não é a perversidade, nem a fome, nem o amor que causam o mal, mas o medo. Se pudessemos dominar o medo, seríamos felizes. As nossas pernas são ligeiras e o nosso corpo é vigoroso. Com os chifres podemos afugentar um inimigo fraco, as nossas pernas livram-nos dum inimigo forte; mas não podemos deixar de ter medo. Se range o galho duma árvore, se uma folha mexe trememos de medo, o coração pula como se quizesse saltar do peito, e fugimos com a rapidez duma seta. Outras vezes desnor-teiam-nos uma lebre que passa, um passarinho que voa, ou uma leve folha que cai. Então pensamos que uma fera nos persegue, e corremos direitos ao perigo. Para fugirmos dum cão, vamos ao encontro dum caçador, ou, assaltados por um pânico invencível vagueamos à toa, damos um salto, e caímos num abismo, em cujo fundo encontramos a morte.

Dormimos em sobresalto, cautelosos sempre, assustados sempre. Não há um momento de tranquilidade. A origem de todo o mal é o medo.

Então o eremita disse:

— Não o produzem a fome, nem o amor, nem a perversidade, nem o medo. O mal vem da nossa própria natureza, porque é ela que produz a fome, e o amor, e a perversidade, e o medo...

LEÃO TOLSTÓI.

A ARTE

... Deixando de consagrar-se exclusivamente aos regalados do mundo, nobres, opulentos e reis, para descer à generalidade das massas e baixas classes, a obra de arte tem, para ser útil, de ser sincera — e para ser sincera, de copiar a vida labariosa, mortificada e doentia das populações modernas, os *ateliers*, as fábricas, os bordéis, a rua, *ménages* tristes de burocratas, e todos os enrodilhamentos da promiscuidade mendicante, coberta de vermine e de pustulas — essa vida que caleja as mãos, atrofia os membros, escava as fisionomias, macera as epidermes, e perturba o jôgo da circulação, que faz do cérebro uma monstruosidade patológica, pela actividade sem repouso que lhe imprime, definhando as mais visceras em proveito da sua avidez de função, fazendo chispar de encontro a tudo, essas centelhas que a certo ponto condensadas são o génio, de cujo exacerbamento resultam a loucura e a morte.

FIALHO D'ALMEIDA.

CONVITE

Convida-se o grupo editor de A COMUNA a reunir na próxima quinta-feira, 15, pelas 21 horas, afim de ultimar os trabalhos da reunião anterior.

A ADMINISTRAÇÃO.

um crédito de 137 milhões de francos destinados à missão militar francesa que opera na Síria, na Palestina e na Cilícia.

O critério capitalista e governamental da civilização, é, pois, este — matar, trucidar, queimar e violar os povos que não se queiram submeter ao seu domínio.

E os cegos não vêem isto...

A REVOLUÇÃO SOCIAL E O SENTIMENTO RELIGIOSO

A SUPRESTIÇÃO E A INFLUENCIA DA IGREJA

Como o homem primitivo, não podia categorisar o seu pensamento, nem ainda, dar-lhe forma, inquietava-se com tudo que o cercava. Já o demonstramos aqui. Faltavam-lhe elementos para classificar as suas observações. Tinha da causalidade uma concepção muito grosseira. Seguindo-o, desde a sua primitiva idade, sobre a terra, encontramos-lo, na sua infância, incapaz de intentar a mais simples abstracção de pensamento. A sua imaginação quedava-se perturbada ante qualquer ideia concreta. A sua mentalidade, o seu raciocínio, confundiam-se, em face dos mais simples fenómenos, hoje explicados pelos mais rudimentares princípios das sciências físico-naturais, dando-se, assim, origem a concepções mitológicas, que tomam forma religiosa e que medram dentro do âmbito da sua inconsciência.

O seu estado de subjectividade, levava-o a dar, a todos os fenómenos, uma origem sobrenatural desconhecida, que longe de qualquer hipótese, baseada no princípio fundamental da existência, antes se encarna na hipótese de Deus. Para exemplo, temos o mito de Vulcano, forjando os raios, o de Jupiter, fulminando com êles os seus inimigos, e, ainda, o de Eneias, guardando o sacco dos ventos, que Eulu lhe confia. Era assim que se compreendiam as tempestades e, assim, era, que se explicavam o relâmpago e o trovão, entre muitos outros casos. Os fenómenos naturais, são o germen da estensão religiosa no espírito humano. Do alongamento das suas raízes, abandona-se a concepção da vida rial, de todos os dias, em busca duma existência enganosa, com mira dum refúgio para além-túmulo, onde está a sobrevivência da sua alma. Assim se concebe a crença na imortalidade, o complemento da ideia de Deus. Ligado à influência atávica de tais crenças, assim chega, até nós, através dos séculos e desde as épocas mais longínquas.

Pela manifestação dos factos expostos, sem distinguir a virtude do vício, senão pela definição do bem e do mal o homem primário, no seu estado rude e ignorante só vê recompensas ou castigos. Tudo para êle dimana do céu. Assim nascem e assim se desenvolvem as suprestições. Considera Deus como espírito do bem. Para contrapôr a esperança da sua mística bondade, aceita a crença dos Diabos, representativa do génio do mal. Eis, como, seguindo o desenvolvimento histórico da espécie humana, partindo das suas relações, com os deuses mais familiares, estamos à volta com o antropofornismo — a representação de tôdas as forças de que derivam quaisquer fenómenos, por meio duma figura humana, com todos os seus órgãos, com todos os seus sentidos.

Para inumerar os preconceitos estabelecidos, e os embustes ridículos e absurdos das crenças religiosas, que ainda hoje tem raízes no cérebro humano, seria necessário, ainda que vagamente, seguir todos os fenómenos da vida. Devemos, por isso, aqui, contentar-nos em abordar alguns pontos que mais interessam ao seguimento da nossa questão.

É das religiões primitivas, tão férteis em credices grotescas, que derivam a feitiçaria, a magia, a adivinhação. Uma série de impostores, com a pretensão de dotes sobrenaturais, formam a arte infernal. As proporções tomadas são enormes. Desenvolve-se a oração e o exorcismo. E o ser humano, sob a influência imaginativa, locaz e trágica dos mais habéis, deixa-se absorver, pela sua tendência para a crença sugestiva dos grandes mistérios.

As artes diabólicas perpetuaram várias suprestições. A sua influência sente-se ainda nas civilizações greco-romanas, onde revive a crença de certas magias. Entre elas havia a de que pela sua intervenção se descobriam riquezas. A arte de adivinhar, a magia e os feitiços, são originários duma antiguidade muito remota. E os padres da Igreja, ainda hoje, pela conveniência do seu mercantilismo impúdico, sem que contudo possam fugir à tara, à influência do atavismo, à hereditariedade dos seus princípios educativos, dão grande curso às suprestições. São êles quem fazem perpetuar o conceito da cólera divina, como causa de fenómenos determinados. São êles quem pretendem que se afugentem feitiços, demónios e espíritos maus, com a água-benta espargida nos templos ou nos quartos de dormir. São êles quem instituem o uso, a veneração de imagens, reliquias, emblemas, para conjurar perigos ou desventuras. São êles quem aconselham a persignação para affligir o Diabo, para que o sólo o subverta como que por encanto, para que volte à sua moradia subterrânea, onde as chamas do Purgatório esperam as almas penantes do mundo terrestre. É assim que a suprestição — crença da incompreensibilidade das coisas — aumenta o aspecto religioso da acção sobrenatural, da influência invisível. É assim que o homem se torna mais medroso, mais fraco, colocando-se na condição de aceitar, sem raciocínios, as mais infantis e estúpidas narrativas.

A superstição, que não passa duma visão, dum sonho sem realização, torna-se, aos olhos do crente, uma verdade indiscutível, incontestável, que vai até à crença da cura de doenças, pela intervenção de águas milagrosas e certas reliquias de santos. Afinal, resume-se, só, na influência, do conjunto de histórias milagrosas, grosseiras, frandulentas, com que é explorada a fé dos crentes.

Invenções piedosas e a sonegação dos factos verdadeiros, tem sido o fautor principal do desenvolvimento das superstições, quando a maioria desses factos se poderiam ver explicados pelo influxo duma forte e violenta acção nervopática em que a psicologia e a fisiologia seriam os maiores auxiliares. E o cristianismo, — religião da Humanidade — como se tem dito —, étape dum grande progresso civilizado, longe de romper com os conceitos que affligiam a consciência humana, antes restaura as antigas crenças. Dando razão à etiologia, persiste em que todo o mal é a consecução da cólera de Deus e da acção do Diabo. Contra estas funestas e estúpidas superstições, contra estas crenças de realização inconcebíveis, que invadiram perigosamente os domínios da medicina e da cirurgia, já nos períodos mais épicos da Grécia, Hipócrates, Hérofilo e Erasistrato, haviam rompido guerra. Declararam-se abertamente contra as credices barbaras e as narrativas insensatas dos povos. Mas outro tanto não fizeram os profetas e os taumaturgos, que, seguindo os ensinamentos dos Testamentos, confiavam aos padres a applicação da terapêutica. E daí, a canalisação das crenças em favor das manifestações interesseiras e egoístas do poder da Igreja, para alimentar o parasitismo do seu sacerdócio.

TERCIO TURDETAO.

FOLHEANDO A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

De O Operário do Funchal:

É este o titulo do novo jornal que vem substituir o nosso collega portuense A Aurora, que passou por uma radical transformação.

A Comuna propõe-se «elucidar quantos, em parte por desconhecimento de assuntos sociais, em parte pela desorientação produzida pela campanha caluniosa e difamatória dos corifeus da Burguesia, tenham uma noção errada dos objectivos da Revolução latente, explicando o que é o Bolchevismo da Rússia, o Comunismo da Hungria, o Espartaquismo da Alemanha e o Comunismo Libertador preconizado e defendido pelos anarquistas e sindicalistas revolucionários dos países latinos».

É de crer que A Comuna verá coroada do melhor êxito os seus esforços, tanto mais que se aproxima a aurora tam anciosamente esperada e que do lado do Oriente já lança sobre nós os raios benéficos da sua acção libertadora, apesar da lèria do assassinato de Trotsky e da fugida de Lénine.

Agradecemos.

As máquinas de morte!

Quando os alemães apresentaram na frente da batalha o seu famoso canhão 42, toda a gente lhe chamou bárbaros, humos, boches, selvagens desalmados! Pois agora, o capitão do exército francês, o sr. Delamare-Maze, apresentou um novo tipo de canhão que tem um alcance de 240 quilómetros! E afirma que êle é susceptível de modificações que o tornem melhor para o fim que os governos tem em vista, podendo os projecteis vomitados por êle, adquirir uma velocidade de 1.300 metros por segundo, desde que essas modificações lhe sejam introduzidas. É claro que o tal capitão trabalha com toda a gana para vêr a sua obra coroada de bom êxito!

Um canhão só pôde ser utilizado na destruição de vidas ou no arrazamento de cidades. Aos alemães, como sabe, chamaram bárbaros pelo seu canhão-monstro. Como apelidam agora este official? Se calhar, de benemérito... da Pátria e dos grêlos.

E não há maneira da lógica se destorcer...

Lá como cá

Na Alemanha, o exército e a marinha custam mais do que custavam antes da guerra. A explicação é fácil: os ministros socialistas, condoidos com a sorte dos antigos officiais do império, pagam-lhes pontualmente os seus ordenados, apesar dêles não fazerem nada. E a pár destas incongruências, outras há de não menos vultu. Parece que por lá a praga dos revolucionários civis é exactamente igual à de cá. Todos querem comer sem trabalhar. A prova é que o orçamento das despesas, em 1914, acusava três milhões e quatrocentos e noventa e quatro mil marcos; e o orçamento dèste ano acusa uma despesa de 27 milhões e meio de marcos!

Pois para sustentar toda esta multidão inútil e improduttiva, viciosa e prejudicial, os politcantes não acharam outro meio senão o de apelar para os trabalhadores no sentido de produzirem mais, trabalhando horas sem conta!

Não há dúvida — lá como cá. Até quando é que o trabalhador — apararão este jôgo?

Adesão à III Internacional

Por 8.269 votos contra 5.016, o partido socialista espanhol, reunido recentemente em congresso, resolveu dar a sua adesão, «imediatamente» em vez de «incondicionalmente», à III Internacional de Moscou.

Apesar das manchas das velhas raposas do partido, a parte jovem conseguiu aquilo que queria. No entanto, a declaração de princípios que precede essa adesão, não é o que muita gente esperava. Assim, o partido continuará a ser um partido contínuar a ser um partido-parlamentar como até aqui. Nem mais, nem menos. O que predicava ontem, é o que continuará a predicar hoje, amanhã e depois, que quer dizer — os homens do partido não pensam em perder o hábito de emitir o caranguejo, no andar.

Antes da realização dèste congresso, lemos em *Solidaridad Obrera* um artigo, de que traduzimos esta passagem, por vir mesmos a talhe de foice:

«Os jovens dissidentes do partido socialista espanhol, os comunistas, afirmaram publicamente que êsse partido poderia entrar para III Internacional de Moscou, mas que não era digno disso. Nós vamos mais longe. Se êsse partido ingressar na III Internacional, é quase certo que a Confederação Geral do Trabalho de Espanha retirará a sua adesão dèsse organismo revolucionário.

¿Como poderíamos conviver no universo proletário com indivíduos que negam os princípios socialistas na nação que habitam?»

Tais são os factos. Resta-nos agora saber o voto da Internacional — ou se ha-de decidir pelo proletariado organizado em Sindicatos revolucionários, ou pelos operários filiados em centros políticos.

A nós quere-nos parecer que deve pronunciar-se pelo primeiro, visto que os segundos levam para lá as mesmas hipocrisias adaptivas que fizeram da 2.ª Internacional um instrumento da burguesia.

E a parte jovem, o que tem a fazer, é mandar os políticos cavar batatas. De políticos, já está o mundo farto...

O ÓDIO AOS SINDICALISTAS

Em Alicante realizou-se, no dia 25 do mês findo, o julgamento do sindicalista Francisco Carrasco Belmonte, preso desde Janeiro último, e acusado, pela policia e pelo governador, de muitas coisas, inclusive a de detentor de bombas explosivas!

Aberta a audiência provou-se que o acusado não tinha praticado nenhum dos crimes mencionados no processo. Este não passava duma tôrpe maquinação dos agentes encarregados da ordem... burguesa para se desfazerem dum operário honesto e sincero que tem em muita conta os direitos e as regalias dos seus irmãos de trabalho.

Por fim, como a justiça... da burguesia, pretende, de vez em quando, passar por *generosa* e *justiceira*, absolveu o réu e mandou-o em paz! E aos marotos que o retiveram inocentemente no cárcere durante alguns meses, se não os premiou em público e razo, pelo menos apertou-lhes as mãos, em segredo, para êles serem zelosos no cumprimento dos seus deveres.

Isto cada vez pede mais sublimado corrosivo...

O cristianismo só préga servidão e dependencia; o seu espírito é demasiadamente favorável à tirania para que esta não tire dèle proveito sempre. Os verdadeiros cristãos são feitos para ser escravos.

ROUSSEAU.

Obra de civilização!

Millerand, o tartufo socialista que se passou para as filas burguesas, e que é, actualmente o presidente conselho de ministros da França, vomitou, na Câmara dos deputados, êste bocadinho de ouro:

«Os soldados franceses encontram-se na Síria e não podem sair de lá, porque a França está ali a realizar uma obra de civilização».

Civilização de soldados, chelra mesmo a chacinas e a devastações. Outra coisa não é o que levou os capitalistas, os financeiros e os governos de França a exercerem ali a sua acção, como se vê do seguinte telegrama:

«Paris, 26 — A Câmara apro-

NOTAS DUM PERDIDO

XIV

Aquela desaguisado, entre papa e rei, que ao povo italiano, em 1870, custou sangue e vidas, que terminou com a ocupação de Roma pelas tropas rialistas, e a Santa Sé fez perder os chamados direitos papais, impediu os reis de outros Estados católicos de visitarem o seu hómonimo, para não desagradarem ao titulado representante de Cristo na terra. Recusando-se, desde então, a reconhecer qualquer governo italiano, o Papa tem vivido, contudo, como um nababo prisioneiro, dentro das espaçosas e suntuosas 7.000 dependências do Mons Vaticanus, dentro da própria Roma, tolerância em parte alguma, mais reduzida que fôssio, de viver em seu cubículo infecto, jámais conferida a qualquer pobre diabo mal contente com a simples e descarada exploração patronal.

Pois meus amigos, aquela fingida discórdia entre o Vaticano e o Quirinal, entre papas e reis, vai defazer-se, segundo uma recente inciclica que abre as portas da harmonia a todos esses senhores do mundo. Rejubilém os fôis...

Doravante, papa, reis ou presidentes, católicos e protestantes, estreitarão suas mãos semi-profanas, deixarão de ser fingidos inimigos, estarrecendo os povos e indicando aos que ainda quiserem ver que não devem bater-se por diferenças entre seus amos.

Sim, os amos, pintalgados, não importa com que vestimenta ornamental, vão claramente alargar e reforçar a sua internacional. Outra coisa não é aquela franca condescendência papal, na hora em que «nem Deus nos tempos e nos segredos já está seguro».

A sua hegemonia, porém, já posta em cheque, perdurará ainda por muito tempo? As suas Civita Vecchia onde se acoitam, permanecerão intangíveis ou resistirão aos embates que os sem pão lhes veem vibrando por toda a parte? Crêmos que isto dependerá da solidificação da nossa internacional, da coesão do ataque e do não desperdício de forças em questões mesquinhas e sem valor; porque, verdadeiramente, sobre a terra, há só dois inimigos irreductíveis, irreconciliáveis; quem vive do trabalho dos outros. Unidos os segundos, porque esperam os primeiros?

Com a mão na massa a mexer na porcaria da santidade e em seus grandes acólitos, deixem-me transcrever o que segue:

«Em 30 de Maio de 1431, Joana d'Arc foi amarrada e queimada na Praça do Mercado, em Rouen, pelas mãos dos soldados ingleses e corruptos padres franceses.

«Tinha sofrido anos de prisão junto do exército britânico, lavasar da França, exposta aos insultos grosseiros e brutais dos soldados.

«Os últimos três meses da sua vida foram passados em um julgamento a que ela fôra arrastada, dia a dia, para ser acareada e interrogada sobre todos os artigos da crença teológica abstrata por um bando de velhos clesiásticos. Foi considerada culpada por «blasfêmias». Num momento de agonia, ela «retratou-se» e confessou os seus supostos erros. Alguns dias depois, segundo um documento a sua coragem voltou. Vestiu uma vez mais o fato de homem, o seu símbolo da liberdade. Para os seus captores isso foi a maior reincidência fôra da graça de Deus, sendo condenada imediatamente à morte.

«Na manhã de 16 de Maio de 1920, os sinos de S. Pedro, em Roma, tocaram a anunciar a canonização de Joana d'Arc. Dentro e em frente da igreja vasta multidão reuniu-se para observar a suntuosa procissão papal com seus pomposos abades. Para o serviço, o Papa tomou assento em um trôno, no abside; os cordeais beijaram-lhe a mão, os bispos a estola, os abades o pé. Chamou os Santos Abençoados para o auxiliarem, e depois de uma litania de Santos cantada por côros em diferentes partes da igreja, pronunciou a ritual fórmula da canonização. Ao concluir o serviço, e quando a procissão deixava a igreja, uma colossal figura de Joana d'Arc foi desfaldada através da fachada.

«Em Londres, foi celebrada missa soléno na catedral de Westminster. Atidos navais e militares franceses estavam presentes, e um panegirico da Santa foi pregado por um sábio prelado inglês.

«A tarde uma grande procissão marchou através das ruas, conduzindo, ao centro, uma jovem num cavalo cinzento vestida como Joana d'Arc. A procissão era aberta por um grupo de Boy Scouts, que conduziam a bandeira inglesa, flanqueada pelas bandeiras papais.

«Como é extraordinariamente bela e profética esta transfiguração da «Família Sagrada» ortodoxa.

«Como são, ou teem sido, extraordinariamente estúpidas as multidões, acrescentaremos nós, que, não lendo história, se teem fiado em mil e uma patranhas religiosas, em patriotismos falsos, sem cuidar que tudo isso só tem servido para os embalar e trazer submissos o jungidos à canga secular da servidão.

Ponham os olhos nestas pequenas coisas, e venham-me ainda cá com cantigas...

GRAND-GOSSE.

A nossa Alegoria

Encontra-se já a venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

OPINIÕES INSUSPEITAS

Não se modificou ainda a situação do Porto em matéria de subsistências.

Vivemos na mesma aflicção de não possuímos um bocadinho de açúcar para os nossos filhos ou para os nossos doentes. Vivemos na mesma contingência de termos de andar de porta em porta a mendigar um pouco de azeite e a pedir aos carvoeiros pelo amor de Deus que nos vendam alguns quilos de carvão.

Além do açúcar que uns dizem estar em Campanhã à espera de ordens de Lisboa; além do azeite que não se encontra em parte nenhuma; além do carvão, além do arroz ser caríssimo, da carne de vitela que falta e de muitos outros gêneros, os artigos de vestuário levam-nos as últimas migalhas e as botas são pagas por aquele preço enorme que todos bem sabemos.

«Lembram-se da promessa mentirosa, falsa como Judas, de que iriam vender-se botas a oito escudos?»

Tartufos, intrujões!

«E aqueles navios que estavam a chegar da América do Norte, navios monstruosos, armazens flutuantes, que entrariam no Tejo para inundar Lisboa de paños, de calçado, de chapéus e de tudo enfim que a indústria americana costuma exportar?»

Sempre a intrujice, sempre a mentira, sempre as notas officinas a contribuir para o descrédito da administração pública como se não bastasse para esse descrédito a sindicância ordenada pelo Parlamento e que deve levar alguns deputados e senadores aos bancos dos réus como já levou à cadeia alguns empregados de categoria, dirigentes dos serviços do abastecimento do país.

«Como não devem faltar os gêneros se as coisas correm assim?»

«Como não deve imperar a ganância dos açambareadores se é da história e da sabedoria das nações que os erros do alto reflectem-se sempre nas que vivem em baixo e nos que não vão buscar a uma consciência limpa a razão das seus actos?»

E por cima de tudo está a calumnia, superior a este desleixo inconcebível, mais alto que a falcatura e a escandalosa padrinhagem, está a incompetência, o orgulho e a ociosidade que é ainda a mãe de todos os vícios.

O pão eseno é o veneno da população, como disseram os médicos ao público por intermédio do «Jornal de Notícias». E nesta época em que todas as energias notivas da raça, todas as qualidades ancestrais deviam ser melhoradas para a grande luta do trabalho, para esse esforço da humanidade que resistir por uma decidida actividade as perdas materiais da grande guerra, neste momento, único da história dos povos, em que devíamos todos erguer para o alto os cotiços, é que se definham os corpos, dando-lhes como alimento um pão de péssima qualidade, como já se definham os caracteres de quantos se vendem aos exploradores do povo.

O ser físico, disseram os filósofos que se não deixaram comprar por açambareadores, o ser físico fortificado, fortifica por sua vez o ser moral. «Como

A minha defesa

por JORGE ETIEVANT

Preço, 50 reis

A venda na redacção de A COMUNA

deve acontecer assim na nossa desgraçada terra, se os gêneros faltam para o sustento necessário da população e se alguns alimentos, como o pão, ajudam até ao desenvolvimento e criação das doenças que nos voem alligindo?

«Como pode acontecer assim se nos vão matando dia a dia, obrigando-nos a comer um alimento que a medicina condena pela voz dos seus filhos mais ilustres desta cidade?»

E depois que vontade pode haver no povo em ser útil, em gosar da liberdade, se é de desmandos em tudo que o cerca, se é de afronta do desprezo a que o votam, desprezo esse tão profundo que parece mesmo que ninguém já se importa com a sua vida, nem com os seus interesses, nem com as regalias a que tem direito, curvando-se todos quasi até o chão, derrechos pela força dos acontecimentos que os outros crearam contra nós e a favor deles.

Os senhores desta multidão de escravos teem vontades intensas, extraordinárias, de riqueza. Desejam gosar a vida ganhando nela tudo o que puderem sem olhar aos meios que adoptam, nem às lágrimas que entram nos seus cofres. Venha dinheiro, dizem, muito dinheiro. É o que eles querem. E os outros como, por exemplo, o operário, que peça mais salário para lhes entregar depois, aumentando-lhes as «burras» que se vão enchendo, enchendo, não pelo trabalho honrado que dignifica mas pela complicitade dos seus zoladores do bem público.

Enquanto o povo do campo, mourejando, de enxada ao ombro, vai regar as leiras, mais com o suor do seu rosto do que com os fios da água dos seus regatos; enquanto o homem da officina, de madrugada, estrada em fôra, vem a caminho da cidade para a luta do trabalho; enquanto o mineiro desce ao fundo das louzeiras de Valongo ou se enterra vivo nas galerias de S. Pedro da Cova; enquanto as nossas costureiras se amarram à mosinha baixa da sua «mestra», mal alimentadas e mal dormidas; enquanto todos empregam a sua actividade no harmonioso conjunto das produções, enquanto isso se passa, às mesas dos cafés os arranjistalham sobre a nossa miséria a distribuição de alguns vagões de açúcar e ali, em S. Bento, tiram um bilhete de 1.º para Lisboa onde vão encontrar um campo fácil às suas manobras e assentam os seus «escritórios» mesmo no Terreiro do Paço.

De manhã vão a S. Julião da Barra a ver se entra mais algum vapor vindo das colónias com novo carregamento, novo pasto para novas negociações. Impera a ganância.

O roubo é uma profissão. Vendem-se gniais como quem vende um cabrito na feira dos carneiros. Negociam-se assinaturas, aleilam-se cartas de empenho e azeites que nunca teriam onde cair de mortos, se trabalhassem como o povo trabalhador, já andam de automóvel, usam charutos caros e organizam empresas para exploração de petróleo, em larga escala, o «negócio» em que entrarão na vida «comercial» dos exploradores.

«Anda tudo feito! Onde pára o azeite que meteram num armazem da rua do Bonjardim?»

Dizem-nos que foi para casa dos «filhados», apesar de já ter passado a Páscoa!

E as juntas de freguezia à espera dele e à espera dele a população.

«Para que servem as senhas que as juntas, dignas de repre-

A COMUNA

Continuamos a publicação das listas de subscrição já recebidas.

Não foi em vão o nosso apêlo. E o auxilio que de todos os lados nos vem sendo prestado, prova que todos os nossos camaradas estão concordes na necessidade de sustentar na imprensa um baluarte de defeza e propaganda das doutrinas comunistas-libertárias.

Aos camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração; a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Transporte . . . 3.000\$5	Subscrição aberta em Africa e entregue por Eduardo C. Pereira.	Eduardo C. Pereira . . . 1\$50	Rodrigo Jordão . . . 2\$00
Lista n.º 33	Entregue pelo Centro Comunista	Marcélio Fajardo . . . 1\$50	Abel Jardim . . . 1\$00
Fernando H. Lima . . . \$30		Paulo Reis . . . \$50	Carlos A. Silva . . . 1\$00
João P. da Costa . . . \$50		Adelino Mascarenhas . . . 2\$00	João Joaquim . . . 1\$50
Raimundo Pereira . . . \$15		Soma . . . 12\$50	
João L. Sousa . . . \$10		Lista n.º 74 Redacção	
José Fernandes . . . \$10		Ernesto J. Fernandes . . . 7\$20	
Domingos Ferreira . . . \$10		Manuel da Silva - Lisboa . . . \$50	
Rogério Mendes . . . \$10		Manuel da Silva - Porto . . . \$50	
José Rafael . . . \$10		José das Neves - Lisboa . . . 9\$30	
Francisco N. Rocha . . . \$20		Norberto T. de Carvalho - Porto . . . 10\$00	
Justino Ferreira . . . \$05		João Mendes - M. Canavezes . . . 1\$20	
João Fernandes . . . \$06		José R. Castro - S. Pedro da Cova . . . \$45	
Afonso Silva . . . \$10		Lourenço Moreira - Porto . . . 1\$10	
Carlos A. B. . . . \$20		José Geraldo - Lagos . . . 1\$68	
Alvaro de Moura . . . \$10		Os Filhos do Visco - Porto . . . 3\$60	
António Henrique . . . \$20		Dois telefonistas - Porto . . . 1\$00	
João Lourenço . . . \$20		Manuel A. Moreira - Giordano Bruno - Gulpilhares . . . \$75	
Camilo Antunes . . . \$20		José C. de Melo . . . \$55	
José Ventura . . . \$20		José Francisco - Porto . . . \$35	
Belchior R. da Silva . . . \$20		António P. Miguel . . . \$30	
Manuel d'Oliveira . . . \$20		J. P. Rozendo . . . \$10	
João F. Martins . . . \$20		E. Rozendo . . . \$10	
Alexandre da Costa . . . \$20		Um grupo de amigos de A Comuna de S. Bartolomeu de Messines . . . 10\$00	
Soma . . . 4\$06		Francisco Cezar - S. T. do Caerm . . . 2\$00	
		Soma . . . 51\$08	
Lista n.º 56		A transportar . . . 3.100\$23	
Entregue por Armentio Morais José A. Bagulho . . . \$50			
Manuel Moura . . . \$15			
Francisco d'Amêda . . . \$10			
Henrique J. Dionisio . . . \$15			
António d'Oliveira . . . \$20			
João M. Padilha . . . \$20			
João da Silva . . . \$20			
António J. Lopes . . . \$20			
Adelino da Costa . . . \$20			
João Barros . . . \$20			
João Custodio Alves . . . \$20			
Armindo Ribeiro . . . \$20			
João da Silva . . . \$20			
João Mesquita . . . \$20			
Fortunato Pereira . . . \$20			
João Pereira . . . \$20			
João Dias . . . \$20			
Alexandre Marvão . . . \$20			
João Soares . . . \$20			
Manuel F. Soares . . . \$20			
António Barros . . . \$25			
Soma . . . 6\$00			

sentar o povo em vista da sua última atitude, nos entregaram? «Para que servem?»

Se dum lado está a mixórdia de carácter legalizado e do outro o povo impotente e sofredor!

Se dum lado estão os habilitados e os aventureiros e do outro povo e os seus representantes que não querem usar da ganância nem compartilhar na exploração!

«Que havemos de fazer? Protestar energicamente.

«E' o que fazemos. Não queremos as colunas do nosso jornal para enganar o público publicando as notas officinas que são um «conto do vigário». O «Jornal de Notícias» está ao lado do povo para lhe dizer a verdade da situação, para lhe abrir os olhos, colocando-se ao seu lado nos seus clamores e interpretando bem sentidamente a sua opinião e os seus justos protestos.

Já não há segredos. Nem pudor, nem escrúpulos.

Traficam à luz do sol. Então poremos à luz do sol também as pústulas dos traficantes, os manejos dos tartufos.

Se os exploradores andam feitos, o povo não anda. Repelle-os. Isso nos basta, isso nos move.

(Do Jornal de Notícias).

As lutas dos partidos políticos para um povo não o mesmo que para um entregador o movimento com que passa a carga dum ombro para o outro, no intuito de procurar um ligeiro alívio que, no fundo é absolutamente falso.

MAX NORDA.

Juvenile Sindicalista dos Operários da Construção Civil do Porto

Convida-se a classe trabalhadora e em especial os jovens sindicalistas a comparecerem na próxima terça-feira, 13 do corrente, às 19 horas, na rua do Almada, 365-2.º, a fim de assistirem à sessão inaugural deste núcleo, aprovação do regulamento interno e nomeação da Comissão Administrativa.

A Comissão Organizadora.

COITADINHOS!

Jornais estrangeiros deram-nos, estes últimos dias, a sensacional notícia de que, na Suíça, se encontram deterrados, vários ex-reis, príncipes, duquesas, etc., que foram corridos dos respectivos países pelos povos encolerizados e rebeldes. E descrevem-nos a situação de alguns d'êis, os citados jornais pintam-nos aquilo como a mais horrível dor!

Realmente é de pizar enconter-se um nobre no meio da miséria. Lá isso é. Mas para evitar isso, já algum d'êis procuraria trabalho!

Os informes das «zetetas» não nos iludiam sobre este ponto. Pois em vez de lamuriarem a sorte de tais criaturas, mais valia dizer-lhes que fossem trabalhar. Era assunto resolvido.

Não se encamiavam, porém, para esse caminho. Bem se vê que os nobres são de outra massa. Se fossem operários... não passavam de malandros. Assim...

Este jornalismo burguês, é como uma cabaça...

Aos nossos assinantes e agentes

Por este meio levamos ao conhecimento dos nossos assinantes e agentes que vamos iniciar a cobrança dos seus debitos.

Os assinantes e agentes de Lisboa que desejem antecipar-se no pagamento, evitando-nos despesas do correio, podem fazê-lo por intermédio da administração de «A Batalha».

A todos os agentes do país e Brasil, lembramos a conveniência de fazerem as liquidações mensalmente a fim de evitarem dificuldades à vida do jornal.

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

Lêde e propagai

A COMUNA

... Semanário Comunista ...

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de A COMUNA dar a maior expansão à publicidade do movimento sindical — julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimento da organização proletária, serviço este que será o mais largo possível logo que este jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária — solicita a todas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na COMUNA.